Capítulo XXXI — Culto do bom Ladrão

> **Sumário.** União dos santos conosco. — Os santos não morrem. — O céu chamado a Terra dos vivos. — Amor de Deus pelos santos. — Agrada-se-lhe honrando-os. Culto especial para os que lhe são mais caros. — Deste número é são Dimas. Elogios de santo Atanásio. Privilégios de são Dimas, fundamento de nossa ardente devoção e de nossa confiança. Festa do bom Ladrão, no Oriente e no Ocidente. — Seu ofício nos antigos Breviários. — Seu culto na maior parte das igrejas. Várias congregações religiosas rezam o seu ofício. Seus motivos. — Em Nápoles, bela capela em sua honra. Em toda a Itália meridional, capelas e oratórios. — Padroeiro da cidade de Gallipoli. — Devoção muito popular e muito antiga. — Milagre operado por são Dimas.

A morte não rompe os laços que unem os cristãos do céu aos cristãos da terra, os santos do tempo aos santos da eternidade. Ao morrer, os santos não morrem: começam a viver. O céu é chamado a terra dos vivos: *Terra viventium*. A mesma linguagem na boca da Igreja. Natividade de um santo quer dizer dia de sua morte. Para ele, morrer é nascer.

Falando de Abraão, de Isaac e de Jacó, Nosso Senhor dizia: *«Deos não no he de mortos, mas de vivos.»* Já que vivem, os santos veem, ouvem, amam, agem. Já que são nossos irmãos, membros da mesma família, os nossos interesses são os seus.

> *Seguros de sua felicidade eterna — diz são Cipriano —, ainda estão cheios de solicitude por nossa salvação.*[1]

Todos os séculos cristãos viveram dessa fé. Longe de que ela desagrade a Deus e prejudique em nada os méritos de nosso único Redentor, Deus sempre se comprazeu em recompensá-la. Tanto valeria empreender contar as estrelas do Céu como querer enumerar as graças assinaladas, os milagres autênticos obtidos pela intercessão dos santos. Mas, se Deus se digna honrar os santos associando-os ao seu poder, há algo mais legítimo do que o culto de que são objeto da parte de seus irmãos, ainda exilados? Ao tentar romper os laços de família que nos unem a eles, o protestantismo mostrou que era sem entranhas, como é sem razão.

Se Deus ama todos os santos como um Pai, verdadeiramente pai, ama todos os seus filhos, há contudo alguns que os seus méritos colocam mais perto de seu coração e mais alto na glória. O desejo de nosso Pai celeste, assim como o nosso interesse pessoal, nos impõem o dever de honrar especialmente esses privilegiados da graça.

Desse número é, sem contradição, o bem-aventurado Dimas: a sua história no-lo provou. Compõe-se em grande parte dos elogios que os mais eloquentes doutores do Oriente e do Ocidente não cessaram de dar ao ilustre companheiro de Jesus crucificado. Ao que já sabemos, contentemo-nos em acrescentar algumas das invocações pelas quais o grande Atanásio exprime a sua admiração, o seu amor e a sua confiança no bom Ladrão e nos convida a imitá-lo.

> *Ó Bem-aventurado Ladrão! muito mais hábil em ganhar o céu do que o primeiro Adão. Mal aconselhado, o pai da raça humana estendeu a mão ao fruto da árvore proibida e infundiu em si, bem como em toda a sua posteridade, o veneno da morte. Mais bem aconselhado, vós, estendendo a mão para a árvore sagrada da cruz, recobrastes o céu que os vossos pecados vos tinham feito perder e ganhastes a vida.*

> *Ó Bem-aventurado Ladrão! que, por um segredo até então desconhecido, achastes o meio de descobrir e levar o mais maravilhoso dos tesouros.*

> *Ó Bem-aventurado Ladrão! que imitastes a traição de Judas, mas o traído foi o demônio, vosso inimigo astuto e implacável.*

> *Ó Bem-aventurado Ladrão! que, por vossas virtudes heroicas, fizestes de vossa cruz um pedestal para subir ao céu e uma cátedra eloquente, de onde, com energia sobre-humana, tomastes a defesa de vosso amado Redentor.*

> *Ó Bem-aventurado Ladrão! que mostrastes a todos os pecadores do mundo o poder da fé e a eficácia súbita de uma confissão bem feita e de um arrependimento sincero.*[2]

Os cinco privilégios do bom Ladrão, antes explicados, justificam esses elogios e devem despertar a nossa devoção. O poder dos santos está em proporção de sua elevação no céu. Quanto mais um santo é elevado em glória, mais se aproxima de Deus, que é o poder infinito. Quem puder medir a

glória do Bem-aventurado Dimas poderá dizer-nos a confiança que ele deve inspirar-nos. A Igreja, nossa mãe, di-lo, à sua maneira, a todos os seus filhos. No Oriente como no Ocidente, vemo-la honrar o bom Ladrão com culto público.

As Igrejas da Síria e da Mesopotâmia celebram a sua festa no nono dia depois da Sexta-feira das dores, isto é, no sábado da semana da Páscoa.[3] Os gregos põem a sua festa em 23 de março e os latinos em 25 do mesmo mês. Outrora celebrava-se na maior parte das dioceses. Todas as belas tradições relativas a esse grande santo faziam parte do ofício. Achavam-se, em particular, nas lições do Breviário de Quimper. Estavam igualmente no martirológio de Usuardo. O douto Molano e o Bem-aventurado Canísio testemunham que o ofício do bom Ladrão se fazia religiosamente na antiga catedral de Bruges e na maior parte das Igrejas.[4]

Tal era ainda, no século XVI, o culto do bom Ladrão. Em nossos dias é menos difundido. Contudo, vamos ver que não cessou em toda parte. Acrescentemos que, tendo em vista o estado do século XIX, nada seria mais desejável do que devolver-lhe a antiga popularidade. No fim do século XVI, como dissemos noutro lugar, a Ordem de Nossa Senhora da Mercê, para a Redenção dos cativos, obteve do papa Sisto V a aprovação de um ofício do bom Ladrão.

O mesmo favor foi pedido e obtido, no século XVIII, pela Congregação dos Pios Operários. Esse novo pedido era motivado pelas conversões retumbantes e numerosas devidas, durante as missões, à intercessão do bem-aventurado Dimas. Em testemunho de sua gratidão, os zelosos missionários o escolheram por seu advogado junto a Deus e padroeiro especial de seu instituto.[5]

Em Nápoles, a sua igreja de São Jorge possui uma magnífica capela, dedicada ao bom Ladrão, e cujos muros apresentam, em numerosos *ex-votos*, o testemunho autêntico dos favores miraculosos obtidos por sua intercessão.[6] Os bons Padres que a servem recebem continuamente cartas de ação de graças pelos favores devidos ao Bem-aventurado e pedidos sem número de suas imagens.

Pelos mesmos motivos que os missionários italianos, os Oblatos de Maria, apóstolos do antigo e do novo mundo, rezam ainda hoje o ofício do bom Ladrão. Os Servos de Maria honram, da mesma maneira, aquele que foi o consolador da augusta Mãe e o companheiro de todas as dores. O mesmo fazem os Clérigos regulares. Os piedosos filhos de são Caetano de Thiene, que foi a alma da restauração católica no século XVI, fazem, sob rito duplo, a festa do bom Ladrão no vigésimo sexto dia de março.

Os salmos são do comum dos confessores não pontífices. São Crisóstomo e santo Ambrósio fornecem as lições do segundo e do terceiro noturno. A oração é própria. A gratidão, a humildade, a confiança parecem ter-se entendido para compô-la.

> *Deus onipotente e misericordioso, que justificais os ímpios, suplicamos-vos humildemente que nos excites a verdadeira penitência, deixando cair sobre nós esse olhar de bondade com que o vosso Filho único atraiu o bem-aventurado Ladrão, e que nos concedais a glória eterna que lhe prometeu.*[7]

A devoção a são Dimas não se encerrou no recinto dos conventos. É muito popular na Itália meridional. Invoca-se esse grande santo para ser preservado dos ataques dos ladrões. Muitas famílias têm a sua imagem colocada atrás da porta de entrada de sua casa; e citam-se uma multidão de prodígios devidos à sua intercessão.

Entre todas, a cidade de Gallipoli, situada no golfo de Tarento, honra-o com um culto fervoroso. É mesmo o padroeiro da cidade comerciante. Nunca os marinheiros da costa empreendem uma viagem, e nunca voltam dela, sem visitar o seu santo protetor. Essa devoção remonta aos tempos mais antigos. Deve a sua origem aos perigos incessantes que faziam correr aos habitantes dessas paragens as incursões dos piratas berberes.[8]

Em todo o país, encontra-se grande número de oratórios e capelas dedicados a são Dimas. Visitando-os, o viajante francês pergunta-se por que a França possui tão poucos, se é que possui algum. Por que a devoção a esse grande santo, canonizado pelo próprio Salvador, entrado primeiro no Paraíso e posto tão alto na glória, se perdeu entre nós? Haverá para o século XIX, em particular, padroeiro mais bem escolhido, protetor mais sensível aos males que ameaçam a Europa ou que já a devoram? Nada temos a temer dos piratas revolucionários?

Aliás, o bom Ladrão não foi o que somos, um grande pecador, e todo o seu desejo não é que sejamos o que ele é? Por que a cátedra cristã permanece demasiado habitualmente muda sobre o poder desse ilustre santo e sobre a confiança que deve inspirar a todos, particularmente aos pecadores moribundos e aos que estão encarregados de prepará-los para a decisiva passagem do tempo à eternidade?

O amigo do Salvador e seu glorioso companheiro de armas, *commilito regni*, como o chama santo Atanásio, sempre se comprouve em manifestar o seu crédito junto a Deus; e esse crédito é sempre o mesmo. Entre outros milagres, baste-nos referir o seguinte, célebre na história dos santos.

No fim do século IV, vivia nas margens do Jordão um solitário, tornado um dos maiores personagens de seu tempo: é são Porfírio, bispo de Gaza. Atacado de um cirro no fígado, definhava a olhos vistos. No desejo de morrer nos lugares onde o Salvador do mundo dera a vida, fez-se transportar a Jerusalém. Apesar de sua extrema fraqueza, cada dia ia, apoiado num bastão, visitar alguma das estações da Via dolorosa.

Como se julgava perto da morte, um pensamento o preocupava. Ao deixar o mundo, deixara em Tessalônica, sua pátria, uma imensa fortuna que não distribuíra aos pobres, por causa da juventude de seus irmãos. Enviou, pois, a Tessalônica Marcos, seu amigo íntimo, para regular os seus negócios. O fiel mandatário desempenhou religiosamente a sua comissão e, ao cabo de três meses, voltou a Jerusalém. Mas deixemo-lo narrar ele mesmo a sua viagem.

> *“Munido de uma carta do santo, embarquei em Ascalon e, depois de treze dias de navegação, cheguei a Tessalônica. Mostrei a minha procuração e repartimos a fortuna entre o meu bem-aventurado mestre e seus irmãos. Vendi o que lhe*

> *cabia em bens de raiz por três mil escudos de ouro. Trouxe comigo os tecidos preciosos e a prataria; além disso, uma soma de mil e quatrocentos escudos de ouro.*

> *Depois de onze dias de mar, voltei a Ascalon. Ali tomei camelos e mulas para levar tantas riquezas e subi a Jerusalém. Ao ver-me, o bem-aventurado abraçou-me com ternura paternal e regou-me de lágrimas de alegria; pois a alegria também faz chorar. Quanto a mim, não o reconhecia. Seu corpo adquirira robustez, suas faces estavam rosadas e cheias: não cessava de olhá-lo. Percebeu a minha hesitação e pôs-se a sorrir, dizendo-me com doçura:*

> *"Marcos, meu irmão, não vos espanteis de ver-me bem disposto e robusto. Sabei apenas a causa de minha cura e admirareis comigo a inefável bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que pode sem custo curar as doenças mais desesperadas."*

> *Roguei-lhe que me dissesse ele mesmo de que maneira recobrara a saúde. "Faz — respondeu-me — quarenta dias que, na véspera do santo domingo, fui tomado de uma dor intolerável. Empreguei o que me restava de forças para arrastar-me ao Calvário e ali me estendi por terra. Numa espécie de êxtase, ocasionado pela dor, vejo o Salvador pregado na cruz e, a seu lado, um dos ladrões em outra cruz. Ponho-me a gritar e a repetir a palavra do bom Ladrão: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.*

> *"Em resposta à minha prece, o Salvador diz ao Ladrão: Descei da cruz e salvai este doente, como vós mesmo fostes salvo. O Ladrão, tendo descido da cruz, abraçou-me e beijou-me. No mesmo instante estou de pé; corro a Nosso Senhor e vejo que ele mesmo desceu da cruz. Então, apresentando-me a sua cruz, diz-me: Recebei este madeiro e guardai-o. Tendo recebido e levado esse precioso madeiro, voltei do meu êxtase. No mesmo instante toda dor desapareceu e não restou mais vestígio algum de minha doença."*

> *Esse relato me encheu de admiração e apeguei-me mais inviolavelmente do que nunca a meu bem-aventurado mestre.*[9]

E nós também apeguemo-nos mais do que nunca ao grande santo que foi o instrumento bendito dessa miraculosa cura. Se até agora o esquecemos demais, façamos dever de praticar, seja por nós, seja por tantos pecadores endurecidos, o exercício de devoção que a piedade católica lhe consagrou.

Notas

[1] *Jam de sua immortalitate securi et adhuc de nostra salute solliciti.* («Já seguros de sua imortalidade e ainda solícitos por nossa salvação.») *De mortalit.*, perto do fim.

[2] Serm. *in Parasc.*, em Gretser, t. II, p. 425.

[3] D'Herbelot, *Bibl. orient.*, p. 512.

[4] *In breviaro corisopitensi ea omnia... olim in IX lectione distributa ad diem 26 Martii recitanda, quo die inserta est martyrologio Maurolyci memoria Dismæ latronis, cui Salvator in cruce Paradisum promisit. In additionibus Greveni ad Usuardum an. 1521 recussis, ista inserta leguntur ad 5 maii. Ipso die in plerisque Ecclesiis officium servatur de bono Latrone, qui cum Christo crucifixus, cum ipso in Paradisum intravit. Molanus asserit Brugis servari officium de bono Latrone, cum Christo crucifixo. Hinc Brugis et in plerisque Ecclesiis id officium servari tradit in martyrologio Canisius.* («No breviário de Quimper, tudo isso... outrora distribuído na lição IX, a recitar no dia 26 de março, dia em que foi inserida no martirológio de Maurolico a memória de Dimas, o ladrão, a quem o Salvador prometeu na cruz o Paraíso. Nas adições de Grevenus a Usuardo, reimpressas em 1521, lê-se isto inserido em 5 de maio. Nesse mesmo dia, na maior parte das Igrejas, guarda-se o ofício do bom Ladrão, que, crucificado com Cristo, com ele entrou no Paraíso. Molano afirma que em Bruges se guarda o ofício do bom Ladrão, com Cristo crucificado. Daí, que em Bruges e na maior parte das Igrejas se guarde esse ofício, refere-o Canísio no martirológio.») Bolland., em 25 de março. — A crítica moderna rejeitou a maior parte das tradições relativas ao bom Ladrão. A questão é saber se, ao tornar-se mais raciocinadora, tornou-se mais razoável. Não o pensamos.

[5] *Cum autem a congregatione patrum Piorum Operariorum fuerit supplicata extensio dicti officii, ex quo sanctum hunc bonum Latronem in specialem patronum et advocatum elegerit, propter expertas plurimas peccatorum conversiones ejus intercessione in suis sacris missionibus factas*, etc. («Tendo sido suplicada pela congregação dos padres Pios Operários a extensão do dito ofício, uma vez que escolheu este santo bom Ladrão como patrono especial e advogado, por causa das muitíssimas conversões de pecadores experimentadas, feitas por sua intercessão em suas sagradas missões», etc.) Ferraris, *Biblioth.*, v.º *Latrones*.

[6] Orília, último cap., p. 243.

[7] *Omnipotens et misericors Deus, qui justificas impios, te supplices exoramus, ut nos benigno intuitu, quo Unigenitus tuus beatum traxit Latronem, ad dignam pœnitentiam provoces, et illam, quam ei promisit, tribuas nobis gloriam sempiternam.* («Deus onipotente e misericordioso, que justificas os ímpios, suplicamos-te humildemente que, com o olhar benigno com que o teu Unigênito atraiu o bem-aventurado Ladrão, nos provoques a digna penitência e nos concedas a glória sempiterna que a ele prometeu.»)

[8] *Lettera di Napoli*, 23 de outubro de 1867.

[9] Em Surius e Bolland., na vida de são Porfírio, 26 de fevereiro. Surius, t. II, p. 1058.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:35 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:36 by Admin